



PEDAGOGIA DAS IMAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL - MINI-HISTÓRIAS EM QUESTÃO

Cristiele Borges dos Santos¹
Elaine Conte²
Natália de Borba Pugens³

Resumo: Trata-se de uma pesquisa-formação realizada com crianças e professores em uma escola municipal de Educação Infantil, de Novo Hamburgo/RS, que propõe investigar de que forma a construção de saberes na Educação Infantil é desenvolvida e potencializada em práticas narradas de forma imagética e textual, por meio de mini-histórias. Ao discutir sobre a questão das mini-histórias como uma pedagogia da leveza, sensibilidade e flexibilidade, por meio de imagens à apropriação de sentidos produzidos nas interações infantis, concluímos que as experimentações na Educação Infantil com as mini-histórias visibilizam as intercomunicações e os vínculos formativos para a produção de conhecimentos de um campo que entrou em descrédito. Nessa perspectiva, as mini-histórias carregam marcas de diferentes ações identificadas em imagens, apoiando as construções e relações polissêmicas, que por meio de palavras não seria possível, materializando com as sequências de imagens narrativas formas de agir e compreender o mundo.

Palavras-chave: Mini-Histórias; Educação Infantil; Imagens; Intercomunicações.

Pedagogy of images in Children Education - mini-stories in question

Abstract: This is a research-training carried out with children and teachers in a municipal school of Early Childhood Education, in Novo Hamburgo / RS, which proposes to investigate how the construction of knowledge in Early Childhood Education is developed and enhanced in practices narrated in an imaginative way and textual, through mini-stories. In discussing the issue of mini-stories as a pedagogy of lightness, sensitivity and flexibility, through images to the appropriation of meanings produced in children's interactions, we conclude that experiments in Early Childhood Education with mini-stories show intercommunications and links formative processes for the production of knowledge of a field that has come into disrepute. In this perspective, the mini-stories carry marks of different actions identified in images, supporting constructions and polysemic relations, which through words would not be possible, materializing with the sequences of narrative images ways of acting and understanding the world.

Keywords: Mini-Stories; Child Education; Images; Intercommunications.

¹ Mestranda em Educação Bolsista CAPES em Educação, Universidade La Salle, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Doutora em Educação, Universidade La Salle, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Mestranda em Educação Bolsista CAPES, Universidade La Salle, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.



Considerações iniciais

Historicamente, a Educação Infantil (EI) tem suas práticas marcadas pelo caráter assistencialista e compensatório do cuidado adulto-familiar na relação educativa (FARIA; DEMARTINI; PRADO, 2005). Mas, muitas pesquisas atualmente buscam mostrar que é possível superar o conservadorismo da educação e produzir aprendizagens participativas pelas artes do fazer infantil, articulando projetos em que a criança seja ativa e participativa desse processo (ZABALZA, 2009). Nessa perspectiva, é emergente a necessidade de lançar luz a projetos educacionais e formativos que introduzam o apoio com imagens, histórias e promovam a autonomia e as diferenças, respeitando a atuação da criança e dando voz a ela. O presente artigo visa discutir de que forma a pedagogia das imagens na Educação Infantil, por meio de mini-histórias, pode viabilizar as narrativas das crianças e delinear os contornos pedagógicos relacionados à comunicação e à experiência criativa da infância, de acordo com os horizontes de leveza, sensibilidade e flexibilidade que o uso de imagens exige.

Há muitos profissionais interessados em discutir e promover um trabalho de qualidade nas escolas de Educação Infantil, contudo, as práticas das escolas acabam não tendo visibilidade e assim perpetua-se a tradição conservadora. Nessa proposta pedagógica, mini-histórias são breves relatos acompanhados de sequência de imagens que abordam questões extremamente necessárias como autonomia, comunicação para aprender e para o saber-fazer dos bebês e crianças pequenas. O compartilhamento dessas mini-histórias tem potencial para (inter)comunicar experiências de conhecimento como algo ativo, a fim de narrar as possibilidades das crianças que atuam, aprendem por meio do entusiasmo corporal, da curiosidade e da relação com o outro no mundo (FOCHI, 2015). O interesse pela temática surge de inquietações oriundas do próprio trabalho como professoras de uma escola de Educação Infantil, no município de Novo Hamburgo, em 2017, a partir de reflexões e formações promovidas pelo Observatório da Cultura Infantil (OBECI). A proposta de mini-histórias surge como possibilidade pedagógica do trabalho com a construção de narrativas por imagens, no sentido de produção de material para a reinvenção de práticas pedagógicas na Educação Infantil. Em meio às metamorfoses do trabalho pedagógico, a docência é compartilhada e por isso temos utilizado as mini-histórias como uma forma de pensar e aprimorar aprendizagens de uma pedagogia da escuta das crianças.



Dada a relevância de promover novas experiências na Educação Infantil, com uma turma de faixa etária de um ano, verificamos que é possível realizar um trabalho pedagógico que vá além do caráter assistencialista na Educação Infantil, tendo como foco o cotidiano escolar nas descobertas e experimentações das crianças, tornando visível as aprendizagens das crianças com as mini-histórias.

Por meio da pesquisa-formação e da praxiológica, abordamos a complexidade da experiência realizada na Educação Infantil, a fim de materializar práticas e ações pedagógicas com crianças, desenvolvendo um olhar mais sensível com a construção do cotidiano nas escolas de Educação Infantil (JOSSO, 2006; OLIVEIRA-FORMOSINHO; FORMOSINHO, 2017). A pesquisa pode ajudar a disseminar essa forma de comunicação que permite uma leitura rápida e de fácil compreensão. Esta forma de linguagem é pouco usada pelos profissionais de Educação Infantil, pelo fato de ser pouco conhecida.

Há muitas possibilidades de despertar o protagonismo infantil pela criação de suas próprias histórias desde os primeiros anos de vida. Precisamos deixar claro que a criança já é um cidadão, com vontade, direitos e, dessa forma, deve ser respeitada em sua condição humana. O estudo está organizado nos seguintes tópicos: inicialmente, elaboramos uma revisão de literatura sobre os significados e sentidos das mini-histórias na Educação Infantil; em seguida, indicamos o desenho metodológico do estudo. No tópico sobre os percursos e desdobramentos colaborativos com as professoras na produção das mini-histórias apontamos os principais resultados identificados até o momento e, por fim, trazemos as reflexões finais.

Conceituando mini-histórias

As mini-histórias são relatos poéticos com imagens oriundos da vida cotidiana na escola. Não há uma regra para sua escrita, pois cada professor ao escrevê-la coloca sua interpretação e sensações em relação a ação das crianças ali narradas. É uma prática que gera encantamento, mas que também exige uma qualidade estética e uma grande sensibilidade na valorização das ações dos meninos e das meninas durante a jornada na escola. As mini-histórias surgem a partir de pesquisas realizadas por David Altimir (2010), com a obra *Como escuchar a la infancia* e nesse contexto buscamos nos apropriar desses conceitos para compreender *o que fazem os bebês no berçário* (FOCHI, 2015). Nessa perspectiva, tais histórias narradas se apresentam como breves relatos imagéticos sobre a comunicação, a autonomia e o saber-fazer dos bebês nas relações com os outros.



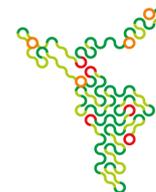
O compartilhamento dessas histórias é uma forma de produzir conhecimento sobre os bebês, para narrar uma imagem de criança que é, faz, atua, e está curiosa para estar e se relacionar com o mundo. Em meio a elas, também nascem interrogações aos adultos que acompanham a criança – os professores, auxiliares e a mim mesmo, como pesquisador. Dessa forma, a partir da imagem de bebê, constrói-se uma imagem de professor para os bebês, provocada pela emergência da observação, do registro, e da reflexão sobre o que elas fazem. (FOCHI, 2015, p. 95).

As crianças desde seus primeiros anos de vida são seres capazes de iniciativas, de expressar sentimentos, gostos, dramas, anseios e dores. Na verdade, desde que nascem são cidadãos que pensam, agem e se relacionam com o mundo. Assim, constituem suas identidades sociais, produzem conhecimentos e fazem investigações a todo momento, -expressando-se através da linguagem oral. e de gestos suas descobertas e experimentações cotidianas. Fochi (2015) afirma que as mini-histórias são uma invenção que preza por uma cultura da infância e que foi inspirada no conceito desenvolvido de David Altimir. Por essa razão, pouco ainda se conhece dessa prática, por ser um conceito relativamente novo, pouco projetado nas práticas pedagógicas e abordado por poucos profissionais. As mini-histórias como Fochi e Altimir apontam são memórias de fatos episódicos do cotidiano, que expressam momentos mais significativos e que vem de construções que as crianças realizam na trajetória formativa, assim como podem ser os registros de instantes vividos por elas, de algo curioso que naquele momento o adulto conseguiu registrar fotograficamente e dar outro sentido, transformando-se em uma memória autoformativa das intervenções pedagógicas.

Para a elaboração de mini-histórias é necessário que o professor tenha um olhar sensível ao cotidiano escolar de Educação Infantil. O uso da fotografia nesse sentido não é um ato neutro, como afirma Vial (2014, p. 37),

Percebe-se que a documentação através da fotografia não é neutra, pois está carregada de significados e escolhas por aquele que a utiliza para a produção da imagem, tendo em vista resultados que são frutos de um olhar intencionado, carregado de subjetividades, pois a fotografia é uma maneira de ver o real e não uma visão em si mesma.

Ao contrário do que muitos acreditam quando algo novo aparece no segmento da educação, a inovação tem a ver com o ressignificar o antigo, por meio da transformação educativa que passa fundamentalmente pela visão e atuação do professor. As inovações e estudos na área surgem como uma possibilidade de discutir o papel social do professor como um mediador e provocador de novos conhecimentos e cenários educacionais. Na construção das mini-histórias a intenção, escolha e seleção dos contextos e situações observáveis pelos professores é essencial. Sua interpretação diante dos observáveis é que definirá a forma de tornar visível as aprendizagens, a partir das mini-histórias.



A ideia das mini-histórias está ligada à revisitação dos observáveis produzidos pelos professores no cotidiano da Educação Infantil. A partir de uma breve narrativa imagética e textual, o adulto interpreta esses observáveis de modo a tornar visível as rapsódias da vida cotidiana. Essas rapsódias são fragmentos poéticos, portanto sempre episódicos que, quando escolhidos para serem interpretados e compartilhados, ganham valor educativo. (FOCHI, 2017, p. 98).

Quando o professor faz seu planejamento com enfoque nas mini-histórias pode usar esses registros imagéticos para, a partir destes, constatar e ter sinais do que desenvolver com o grupo de crianças. Para a produção das mini-histórias são feitas essas escolhas, por vezes, a sequência fotografada pode ter de 10 a 15 fotos. O professor terá que eleger dentro dessas as que mais fazem sentido e traduzem o objetivo da narração coletiva. Não é uma tarefa simples, pois as escolhas trazem as interpretações e relações do adulto com o contexto vivido, com as emoções, afetos, entusiasmos e vibrações projetadas pelas crianças. O ato de registrar, fotografar também é repleto de sensibilizações e experimentações. É necessário um cuidado ao fazer os registros para que as fotos possam comunicar a ação da criança, o projetar-se das descobertas e da produção de novos conhecimentos, pois o agir da criança é o foco principal.

Nessa abordagem, o registro e a seleção das fotos para a escrita das mini-histórias precisa levar alguns pontos em consideração, ou seja, as fotos devem ter boa luminosidade; o plano de fundo deve ser esteticamente limpo sem muitas informações; as fotos devem ser tiradas na altura da criança; apontar e registrar momentos espontâneos e não criar cenas solicitando ações; as fotos selecionadas devem ter informações diferentes, não repetir a mesma ação por exemplo. A qualidade estética dessas obras não necessita de um profissional da fotografia, mas requer uma orientação sustentada por esses cuidados básicos à produção. As crianças gostam de ser vistas, ouvidas e reconhecidas, da mesma forma como os professores desejam que seus trabalhos façam sentido e sejam reconhecidos pela sociedade.

Comenta Malaguzzi que el niño o la niña esperan ser vistos. Que sin teatro o sin platea, las criaturas se vuelven invisibles e inexistentes. También muchas maestras esperan que su trabajo sea visto y reconocido. La documentación se convierte en memoria viva y visible del proceso compartido con los alumnos y alumnas, y no se centra tanto en los productos finales. (HOYUELO, 2007, p. 6).

Nessa etapa da educação, reconhecer a criança como cidadão de direitos implica estar em constante formação pedagógica, sendo também sinônimo de respeito à criança e ao próprio ofício, que visa capacitar integralmente o sujeito dando condições de possibilidade ao desenvolvimento da inteligência cognitiva, emocional e social, repleta de descobertas, experimentações, ensinando a



pensar e a procurar soluções no aprender a conviver, cooperar, reconhecer, esperar, transformar e recriar saberes brincando.

Caminhos metodológicos

O enfoque metodológico foi a pesquisa-formação, desenvolvida a partir da observação e participação em uma prática escolar de Educação Infantil de Novo Hamburgo. Optou-se por essa estratégia de desvelar e ressignificar os debates na arena do cotidiano escolar, visto que a pesquisadora trabalha nesse grupo cultural e pode, com base na própria experiência pedagógica, coletar os dados e significados com o grupo de crianças (17) e professoras (3), desde que manifestem o interesse em participar de forma voluntária e livre de coerções. Estas professoras estão especificadas na experiência da pesquisa como Professora 1; Professora 2; Professora 3, para manter o anonimato das participantes da faixa etária 1 (crianças com 1 ano completo até 31 de março), de uma escola pública de Educação Infantil de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2017. A coleta dos dados ocorreu principalmente por meio de observação, entrevistas e notas de campo. O projeto estendeu-se ao ano de 2018, incluindo uma nova turma de faixa etária 1 na pesquisa, com as mesmas características da turma anterior (17 crianças), porém, com outras crianças e 3 professoras, sendo uma delas a pesquisadora. O projeto não foi encaminhado a Comissão de Ética em Pesquisa (CEP) pelo fato de que a pesquisa-formação estava em andamento por se tratar de uma experiência advinda do fazer cotidiano da pesquisa, de um projetar-se no coletivo. Mesmo assim, tomamos o cuidado de coletar as assinaturas do termo de assentimento e de autorização para a liberação de imagens das crianças pelos responsáveis, assim como conversamos com os pais e as crianças sobre o fato de tirar fotos das interações e aparecer o registro de imagens, dando liberdade de expressão para a livre participação na pesquisa.

Cabe destacar que as professoras que participaram dessa investigação utilizaram a experiência pedagógica da própria prática realizada, juntamente com outras professoras que abraçaram a proposta de desvelar em equipe e com as crianças as potencialidades das mini-histórias. A ideia de pesquisa-formação é abordada por Josso (2006) e converge com essa pesquisa, em termos de dar condições ao desenvolvimento de um trabalho autoral, de uma experiência pedagógica conjunta, onde todos participam da pesquisa, ressignificam a forma de atuar, o que traduz também um trabalho de elaboração com olhares cruzados sobre uma mesma questão. Há figuras de ligação ao longo da



pesquisa, ou seja, educadoras que unidas por um objetivo comum constituíram a pesquisa em foco. Para Josso (2006), “ligar”, “religar” e “desligar” é muito importante na compreensão do nosso processo de construção de conhecimento e formação enquanto ser humano.

É o momento em que se trata de compreender como essa história articula-se como um processo — o processo de formação — que pode ser apreendido mediante as lições das lembranças que articulam o presente ao passado e ao futuro. Será o estabelecimento dessa perspectiva temporal que permitirá nomear os ‘argumentos’ da história. Nessa fase do trabalho biográfico centrado na compreensão e na interpretação dos relatos com olhares cruzados, novos tipos de laços aparecerão. (JOSSO, 2006, p. 378).

Junto com a ideia de pesquisa-formação, somou-se também a dimensão praxiológica defendida por Oliveira-Formosinho e Formosinho (2017, p. 4):

Esta práxis de descoberta busca transformar o espaço e o tempo que a criança vive, as interações e relações que vivencia, o cotidiano da aprendizagem que experiencia, as atividades e projetos que desenvolve, a avaliação em que participa. O aprender da criança não é um fenômeno meramente interior, é uma realidade que depende quer da sua natureza quer da experiência ambiental, no contexto de uma cultura. O aprender da criança é situado, contextual, cultural, experiencial, interativo e comunicativo, reflexivo. Desafia, assim, a identidade de uma práxis que precisa de ser responsiva ao ator principal da aprendizagem – a criança enquanto identidade que se desenvolve em direção à herança socio-histórico-cultural, através da mediação pedagógica respeitosa desenvolvida no território vivencial que é o cotidiano da práxis enquanto *locus* da pedagogia.

Desdobramentos com a produção das mini-histórias

Em termos de operacionalidade, inicialmente, as mini-histórias como um conjunto de acontecimentos realizados pelas crianças na EI eram produzidas em um *layout* diferente do que a utilizada agora com esse estudo (durante o estudo foi alterando-se). O texto-relato era organizado em uma folha e a imagem em outra, tendo assim duas folhas comunicando a mesma mini-história. A partir da observação da coordenadora e de algumas professoras envolvidas com a proposta, iniciamos a produzir as mini-histórias em uma única folha com o texto e imagens em harmonia, propiciando assim uma melhor visibilidade e entendimento, principalmente das sequências das ações. Outras metamorfoses e aprofundamentos dessa proposta também foram evidenciados com a forma de exposição das mini-histórias que foram sendo alteradas constantemente a fim de dar uma maior visibilidade às famílias e comunidade escolar.

Uma mesma mini-história pode envolver várias crianças, assim cada criança recebe no final do ano uma pasta com as mini-histórias que protagonizou, mas que podem ser as mesmas do colega, gerando a importância da criação em união, do trabalho colaborativo, para fortalecer as aprendizagens pessoais e sociais. As crianças interagem muito nessa faixa etária, sendo incentivado o respeito e o



carinho, conseqüentemente, a turma demonstra afetividade e respeito entre si, sempre se ajudando nas questões cotidianas. Cabe salientar a necessidade e o papel fundamental do professor para registrar e ter um olhar sensível da realidade, das sutilezas e das emoções que brotam e rodeiam o cotidiano, desenvolvendo uma relação empática e sensível com o entorno.

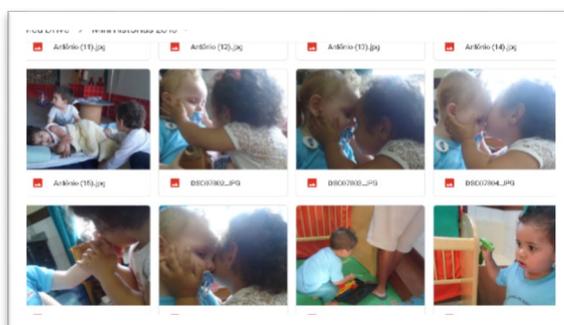
As educadoras tiveram que ir readequando e ressignificando a proposta das mini-histórias de acordo com a realidade da escola e das crianças, principalmente para alcançar os objetivos propostos. A intencionalidade das professoras era potencializar e democratizar as mini-histórias na escola para todas as crianças. Em certo momento, as participantes verificaram a ausência desses registros de algumas crianças, principalmente das crianças que frequentam a escola meio turno. Assim, as professoras começaram a ter mais atenção e sensibilidade para que conseguissem registros de todos. Nessa idade tudo é descoberta, então, mesmo ações que para nós adultos são simples, para eles são grandes conquistas e experimentações.

Com as mini-histórias, as crianças são artífices de suas histórias e deixam registros de ações que realizam na infância, oferecendo pistas na documentação e reelaboração pedagógica. Tais registros impressos podem servir para uma prática investigativa do cotidiano escolar, conferindo presença e dando visibilidade à criança para compreender o passado, indo além de meros acessórios do observado e do registrado. Se pensarmos em longo prazo, poderemos ver que todo registro feito atualmente nas escolas da infância podem ajudar os professores e pesquisadores de fontes históricas e documentação para estudos nas ações pedagógicas futuras, visando o melhoramento e a redefinição do trabalho educativo nas creches e pré-escolas.

Não há uma única forma de produzir mini-histórias incorporando a base estética do conhecimento, por intermédio de discussões e caminhos de uma pedagogia imagética de análise. A intenção aqui não é colocar um manual pronto, mas apresentar uma experiência realizada por um grupo de professoras e crianças em um dado contexto. A partir da teoria e exemplos desenvolvidos por Fochi, as professoras participantes, pesquisadas e pesquisadoras ao mesmo tempo, fizeram ressignificações de acordo com sua realidade e encontraram uma forma de produzir estes relatos acompanhados de pequenas cenas que no seu conjunto compõem toda ação. **Figura 1** – Exemplo de sequência de registros feitos pelas professoras



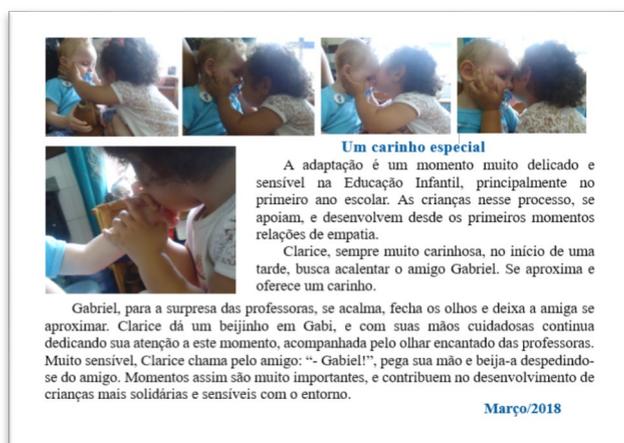
Figura 1 – Exemplo de sequência de registros feitos pelas professoras.



Fonte: Figura produzida pela Professora 1 (2018).

Posteriormente, essas imagens são analisadas e são produzidas pequenas narrativas de forma textual e imagética. O objetivo é compartilhar o entendimento, o desejo e as interações que ocorrem com esse grupo de crianças pequenas. A partir das imagens são realizadas narrativas a partir destas.

Figura 2 - Mini-história produzidas a partir dos registros.



Fonte: Figura produzida pela Professora 1 (2018).

Como viés de consolidação desse projeto, esses relatos acompanhados de registros de imagens normalmente eram impressos em folha A4 e expostos em um varal em frente à sala da turma. Permaneciam expostos em média por um mês, para que as famílias pudessem visualizar. A cada semana era colocada uma nova mini-história e retirada uma outra.



Figura 3 – Mural onde as mini-histórias passaram a serem expostas.



Fonte: Figura acervo pessoal Professora 2 (2018).

Houve um retorno muito positivo em relação ao projeto, que foi desenvolvido ao longo dos anos de 2017 e 2018. Segue um relato que ilustra a satisfação de uma das famílias:

Quando saí da sala do meu Pitoco (em seu terceiro dia de adaptação) vejo ele sorridente em *fotos* espontâneas e tão lindas, então os olhos se encheram de lágrimas em saber que ele está em um ambiente acolhedor, repleto de amor e com professoras que acreditam nas mesmas coisas que eu. Ele será muito feliz em sua primeira escola, pois viverá de verdade a infância na sua essência. Obrigada escola por toda acolhida e amor por nossos pitocos. Profe que *texto* mais lindo e cheio de amor. (Relato postado no facebook em fevereiro mãe de educando).

Sem sombra de dúvidas, a experiência vivenciada com as mini-histórias contribuiu para compreender que um trabalho de qualidade com crianças pequenas é possível. Compreendemos também que quando as famílias conseguem visualizar as aprendizagens dos filhos, sua participação na escola se modifica, afinal, o envolvimento da família na escola é de grande importância e influência no desenvolvimento das crianças, tanto nas questões de ensino e de aprendizagem quanto nas construções das relações emocionais, intelectuais e socioafetivas. Contudo, o entendimento compartilhado das famílias de que seus filhos estão tendo acesso a uma educação pública e um trabalho de qualidade e de maneira colaborativa, agrega um sentido formativo e de comunicação das jornadas de aprendizagens das crianças com respeito às próprias construções históricas e de direito à educação reconhecida. É necessário, portanto, lançar luz a projetos educacionais e formativos que promovam a diferença, respeitando a atuação da criança e dando voz a ela por meio de mini-histórias, por isso, também buscamos com essa pesquisa inspirar outros profissionais da educação a se apropriarem dessa rica matéria-prima para estimular aprendizagens da infância.

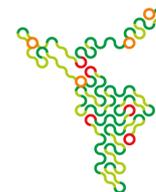


Considerações finais

As mini-histórias ainda que sejam pouco conhecidas e exploradas pelos profissionais da Educação Infantil podem ser uma forma interessante de intercomunicar experiências e diversas expressões das crianças, num processo próprio de pedagogias autorais, participativas, e comunicativas. Uma escola da infância deve valorizar toda forma de expressão e ser capaz de articular aprendizagens envolvendo a criança. Os professores e as crianças precisam ser agentes de mudança social no processo de ensino pela via da autonomia e da curiosidade, no sentido de desenvolver práticas reflexivas e em diálogo com os problemas contemporâneos, para aperfeiçoar a capacidade de fazer experiências estimuladoras de decisão e de responsabilidade pelo mundo. Daí que as mini-histórias representam uma forma de aprendizagem, de construção do conhecimento sustentado em práticas estéticas e planejamentos na Educação Infantil, por meio de atos de criação, partilha e abertura às novas construções nesse movimento virtuoso que articula a perspectiva das crianças.

As evidências obtidas nesse texto revelam a importância da formação e da constante atualização técnico, científica e profissional do professor, pois é ele quem trabalha com a primeira infância e com os artefatos culturais que permeiam suas práticas, além de estar aberto para aprender a olhar e a decifrar as expressões e movimentos das crianças. Sem sombra de dúvidas, é preciso dar atenção à criança de corpo inteiro, pois é pelo corpo que ela se comunica. Só precisamos aprender como nos comunicar com as crianças e valorizar por meio das mini-histórias as formas de ensaio e experimentação do mundo, para assim valorizar as perspectivas delas de agir no mundo.

As experiências educacionais mostraram que o professor pode incorporar o uso de mini-histórias em consonância com as intenções pedagógicas implícitas, necessidades, expectativas e condições de aprendizagem do público infantil, como forma de incentivar e sensibilizar as crianças e os familiares para outros olhares sobre a educação, consolidando assim um processo pedagógico de (re)construção de significados. A visibilidade e o reconhecimento dessas práticas trarão consequências positivas ao desenvolvimento infantil articulado ao trabalho desenvolvido, pois a educação muda as pessoas pelos vínculos e experiências criadas (FREIRE, 2015). Vale lembrar que as crianças de hoje serão os adultos de amanhã, que podem ser capazes de melhorar o mundo, exercendo o direito à liberdade e à autonomia para pensar, imaginar, agir, estabelecer relações



curiosas com o mundo, na esperança de que se reconheçam as especificidades da infância pelo movimento de orientação pedagógica e estabelecimento de vínculos por histórias imagéticas.

Referências

ALTIMIR, David. *Como escuchar a la infancia*. Barcelona: Octaedro, 2010.

FARIA, Ana Lúcia; DEMARTINI, Zeila; PRADO, Patricia Dias. **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

FOCHI, Paulo Sérgio. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?:** comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

FOCHI, P. (2017). **Abordagem da documentação pedagógica na investigação praxiológica de contextos de educação infantil**. Relatório de Qualificação em nível de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo (USP).

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

HOYUELOS, Alfredo. **Documentació com a narració i argumentació**. *Guix d'Infantil*, n. 39, p. 5-9, 2007.

JOSSO, Marie Christine. **As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras**. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, mai./ago. 2006.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. **Pedagogia-em-Participação: a documentação pedagógica no âmago da instituição dos direitos da criança no cotidiano**. *Em Aberto*, Brasília, v. 30, n. 100, p. 115-130, set./dez. 2017.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. **Pedagogy-in-Participation: Childhood Association Educational Perspective. Research Report**, Aga Khan Foundation, Lisbon, v. 45, p. 45, 2015.

VIAL, Indiana Picolo. **Documentação pedagógica no berçário: reflexões, registros e propostas. 2014. 59 f. Trabalho de conclusão de curso** (graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura, 2014.

ZABALZA, Miguel. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.